

INTERSECCIONALIDADES ENTRE O ETARISMO E O CONSUMISMO: O EPISTEMICÍDIO GERACIONAL DE UMA SOCIEDADE MERCADOLÓGICA

INTERSECTIONS BETWEEN AGEISM AND CONSUMERISM: THE GENERATIONAL EPISTEMICIDE OF A MARKET-ORIENTED SOCIETY

DOI:

Thami Covatti Piaia¹

Pós-Doutorado em Direito pela Universidade de Passo Fundo, UPF.

EMAIL: thamicovatti@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7123-0186>

Helton Braga de Oliveira²

Mestre em Função Social do Direito pela FADISP.

EMAIL: thamicovatti@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4354-9493>

Murilo Manzoni Boff³

Mestre em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

EMAIL: thamicovatti@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7715-3916>

RESUMO: O artigo investiga as interseccionalidades entre o etarismo e o consumismo, analisando como esses fenômenos sociais produzem a marginalização de corpos envelhecidos e a exclusão de saberes tradicionais em uma sociedade neoliberal. O estudo parte da historicidade do termo etarismo e de sua evolução conceitual, introduz o conceito de epistemicídio e examina sua conexão com o apagamento simbólico do conhecimento das pessoas idosas. A discussão teórica resgata reflexões de filósofos clássicos e modernos sobre a velhice, incluindo Platão, Aristóteles, Cícero, Sêneca e Simone de Beauvoir, para compreender como diferentes épocas trataram a experiência do envelhecimento. O texto também analisa a contribuição de Zygmunt Bauman ao conceituar a modernidade líquida e a lógica consumista, que intensificam a padronização dos corpos e reforçam a marginalização de idosos. Além disso, explora a atuação do biopoder, em Foucault, e os impactos do capitalismo de vigilância e da discriminação algorítmica na consolidação de um epistemicídio digital. A metodologia

¹ Doutora em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2013). Contemplada com bolsa da CAPES durante o período de doutoramento e contemplada com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) pelo período de onze meses na Universidade de Illinois, campus de Urbana-Champaign - Estados Unidos (2012), atuando como visiting scholar. Mestre em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - campus de Santo Ângelo/RS. Graduada em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - campus de Frederico Westphalen/RS. Professora na graduação e no Mestrado Acadêmico em Direito Constitucional Econômico (MADIR) da UNIALFA. Pesquisadora na FADISP. Possui inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil.

² Mestre em Função Social do Direito pela FADISP. Especialista em Direito Civil e Processual Civil pelo CIESA. Bacharel em Direito pela UEA/AM. Servidor público no Tribunal de Justiça do Amazonas.

³ Mestre em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) - Campus Avançado de Cerro Largo/RS. Bacharel em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Advogado.

empregada consiste em pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem interdisciplinar voltada para teorias críticas. Os resultados evidenciam que o neoliberalismo, ao valorizar a produtividade e a juventude, reforça a exclusão social e epistêmica da população idosa. Conclui-se que a fusão entre etarismo, consumismo e epistemicídio gera uma sociedade mercadológica que desvaloriza a memória, o saber acumulado e a dignidade da velhice, exigindo resistências teóricas e práticas que promovam inclusão e reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Consumismo; Etarismo; Epistemicídio geracional; Modernidade líquida.

ABSTRACT: The article investigates the intersectionalities between ageism and consumerism, analyzing how these social phenomena produce the marginalization of aging bodies and the exclusion of traditional knowledge in a neoliberal society. The study examines the historicity of the term ageism and its conceptual evolution, introduces the concept of epistemicide, and explores its connection to the symbolic erasure of elderly people's knowledge. The theoretical discussion revisits reflections by classical and modern philosophers on old age, including Plato, Aristotle, Cicero, Seneca, and Simone de Beauvoir, in order to understand how different periods addressed the experience of aging. The text also analyzes Zygmunt Bauman's contribution in conceptualizing liquid modernity and the logic of consumerism, which intensify the standardization of bodies and reinforce the marginalization of older adults. Furthermore, it explores Foucault's notion of biopower and the impacts of surveillance capitalism and algorithmic discrimination in consolidating a digital epistemicide. The methodology employed consists of bibliographic and documentary research, adopting an interdisciplinary approach grounded in critical theories. The results show that neoliberalism, by valuing productivity and youth, reinforces the social and epistemic exclusion of the elderly population. It concludes that the fusion of ageism, consumerism, and epistemicide generates a market-oriented society that devalues memory, accumulated knowledge, and the dignity of old age, demanding theoretical and practical resistances that promote inclusion and recognition.

KEY-WORDS: Consumerism; Ageism; Generational epistemicide; Liquid Modernity.

SUMÁRIO: 1 Introdução. 2 A história do termo etarismo. 3 Origem do movimento epistemicida. 4 A filosofia e a velhice. 5 Bauman e o consumismo em uma sociedade líquida. 6 Epistemicídio geracional digitalizado e a perpetuação do pensamento de que o envelhecimento é algo "anormal". 7 Conclusão. 8 Referências.

1 Introdução

Em uma sociedade marcada por intensas transformações sociais, econômicas e culturais, surgem dilemas cruciais sobre a forma como determinados grupos são marginalizados e invisibilizados. Muito embora pareçam distantes entre si, o etarismo e o epistemicídio fundem-se com frequência, especialmente quando analisados sob a ótica mercadológica do neoliberalismo.

O epistemicídio refere-se à destruição de saberes e conhecimentos de determinados grupos sociais, usualmente periféricos, promovendo a predominância de um conhecimento que tende a ser único e hegemônico. Por outro lado, o etarismo é o preconceito e a discriminação contra pessoas com base na idade, podendo afetar

indivíduos de qualquer faixa etária, mas atingindo particularmente pessoas idosas, que são taxadas como obsoletas ou descartáveis em uma sociedade que valoriza a jovialidade.

O neoliberalismo, enquanto ideologia e prática econômica, exacerba as opressões. A lógica neoliberal de mercado privilegia a eficiência, a competitividade e o individualismo, sacrificando a solidariedade e as subjetividades. Nesta ótica, saberes tradicionais e corpos envelhecidos são desvalorizados e descartados, vez que não se alinham com as demandas do capital.

Isso posto, o presente artigo pretende explorar as interseccionalidades entre o etarismo e o consumismo, destacando como o neoliberalismo normaliza a reprodução destas práticas, além de analisar em que medida o epistemicídio está correlacionado às práticas neoliberais no que concerne ao descarte de corpos na contemporaneidade.

Mediante abordagem interdisciplinar, que inclui pesquisa bibliográfica e documental, o texto pretende abordar teorias críticas e compreender como tais fenômenos sociais se entrelaçam e se reforçam, produzindo uma sociedade normalizante, marginalizante e excludente. A análise visa não somente apontar as complexidades do tema, mas também propor caminhos para resistir aos processos de marginalização.

2 A história do termo etarismo

O termo “etarismo” tem se tornado mais relevante na atualidade, à medida que as sociedades enfrentam o desafio do envelhecimento de suas populações e a necessidade de repensar políticas para idosos.

A palavra “etarismo” tem origem no termo em inglês *ageism*, cunhado pelo gerontologista e psiquiatra americano Robert N. Butler, em 1969 (SILVA, 2025). Butler foi o primeiro diretor do *National Institute on Aging*, nos Estados Unidos, e observou que, assim como o racismo e o sexismo, o etarismo é uma forma de estereotipagem e discriminação que impacta a vida dos indivíduos negativamente (SS SENIOR, 2025).

Na década de 1960, o Ocidente estava em meio a significativas transformações sociais, a exemplo dos movimentos por direitos civis, feminismo e a crescente conscientização sobre desigualdades estruturais. Dentro desse contexto, nota-se a marginalização de idosos, que não possuíam movimentos sociais de grande projeção.

Em uma análise mais atenta, percebe-se que mesmo os movimentos sociais existentes à época já valorizavam a população economicamente ativa, que produzia riqueza e possuía maior expectativa de vida. Desde o surgimento e crescimento do neoliberalismo, os idosos são vistos como um fardo econômico e social.

Desde a introdução do termo, por Butler, tem-se explorado as múltiplas dimensões do etarismo, a exemplo de suas manifestações no local de trabalho, na mídia, nos serviços de saúde e na legislação. Embora cunhada nos Estados Unidos, a expressão é utilizada em escala global. Em muitas culturas, a valorização da juventude e a marginalização dos idosos são fenômenos comuns. Vale ressaltar que, em algumas sociedades, idosos são reverenciados como autoridades e ocupam posições de respeito, a exemplo dos povos originários do Brasil, que veem o cacique como o mais sábio da tribo. Lamentavelmente, são casos excepcionais.

No Brasil, Ecléa Bosi (2003) foi uma das pioneiras no estudo do envelhecimento e das questões associadas ao preconceito contra idosos. Em obra publicada em 1994, a autora aborda a marginalização dos idosos na sociedade e discute como as memórias dos idosos são hodiernamente ignoradas. Bosi entrevistou diversos idosos na cidade de São Paulo e, com base em seus relatos, ofereceu uma visão que busca valorizar suas experiências e relacionar memórias individuais com identidades pessoais e coletivas, ao mesmo tempo em que critica a prática do etarismo.

Da mesma forma, em obra publicada em 1975 nos Estados Unidos, Butler discute a qualidade de vida das pessoas idosas na sociedade americana. O autor argumenta que pessoas idosas são vistas como inúteis, incapazes e dependentes, por consequência, afetando sua autoestima e autodeterminação (BOSI, 2003).

Para tanto, se questiona no decorrer da pesquisa, em que medida o etarismo está correlacionado às práticas mercadológicas no que concerne ao descarte de corpos na contemporaneidade mercadológica.

3 Origem do movimento epistemicida

“Epistemicídio” é um termo criado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos para explicar o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo saber ocidental (GARIGHAN, 2021). Esse processo é fruto

de uma estrutura social fundada pelo colonialismo europeu no contexto de imperialismo europeu sobre os povos colonizados.

Inicialmente, o termo foi criado para explicar como as estruturas opressoras formadas pela colonização exterminaram corpos de pensamentos africanos. Para Raquel da Silva Silveira, as relações raciais produzem a inferiorização do conhecimento africano, produzindo uma espécie de violência intelectual. Em sua visão, uma morte simbólica. José Rivair Machado diz que, enquanto produtos do conhecimento ocidental, os indivíduos são condicionados a ele a partir de órgãos institucionais, como a escola e a igreja, que formam uma estrutura difícil de ser desfeita (GARIGHAN, 2021).

Para Boaventura de Sousa Santos (2017), o epistemicídio seria a supressão ou destruição de conhecimentos e modos de saber, por meio de processos coloniais e imperialistas. Segundo Santos, o epistemicídio não é apenas uma forma de violência simbólica, mas uma estratégia de poder que sustenta a hegemonia ocidental e eurocêntrica.

Importa ressaltar que o epistemicídio tem raízes profundas na história. Durante a colonização do Brasil, por exemplo, os portugueses não apenas exploraram os recursos materiais das colônias, mas também impuseram seus próprios sistemas de conhecimento e valores, com auxílio de instituições reconhecidas, como a Igreja Católica. Esse processo de deslegitimação de conhecimentos foi essencial para a manutenção da dominação da colônia.

O Brasil, com sua história marcada pela colonização e pela escravidão, é um exemplo emblemático da ocorrência intensa e contínua do epistemicídio. A saber, os povos tradicionais do Brasil possuem uma vasta gama de conhecimentos sobre biodiversidade, medicina tradicional, agricultura sustentável, dentre outros. A catequese, a imposição da língua portuguesa como idioma oficial e a demarcação de seus territórios são claros exemplos da tentativa de suprimir ou destruir seus saberes.

Além dos povos tradicionais, os conhecimentos trazidos pelos escravos e seus descendentes também sofreram com a hegemonia cultural européia. A religião, a música, a culinária e outras expressões culturais foram sistematicamente perseguidas e reprimidas. A capoeira, hoje considerada patrimônio cultural, foi criminalizada até o início do século XX (GARCIA, 2020).

O epistemicídio, então, é uma continuidade das práticas coloniais que persistem no mundo contemporâneo. Transpondo-se esse conceito para a pessoa idosa, é possível perceber que há uma tentativa de colonizar seus corpos, silenciando seu saber acumulado em prol da fluidez e da incerteza da modernidade, sem prejuízo da valorização de processos econômicos que visam exclusivamente o lucro.

A conexão entre epistemicídio e etarismo se revela no fato de que a marginalização da pessoa idosa também implica o apagamento simbólico do seu saber acumulado. Em uma sociedade mercadológica, marcada pela lógica da produtividade, da velocidade e da constante inovação, o saber vinculado à experiência, à memória e à tradição é visto como ultrapassado ou irrelevante.

Esse apagamento se configura como um tipo específico de epistemicídio geracional, que atinge as pessoas idosas enquanto portadoras de um tipo de saber que contraria a lógica etarista/consumista neoliberal: um saber que resiste à pressa, ao descartável, ao consumo, e que valoriza a continuidade, a escuta e a sabedoria.

4 A filosofia e a velhice

Entendida a cultura como o meio no qual estão todos os mitos, significados, narrativas e construções de uma sociedade, nota-se que sua dinâmica é inescusável àqueles que demandam compreender a relação entre o etarismo e o epistemicídio. Nesse contexto, vários pensadores abordaram a velhice em suas obras no decorrer dos séculos.

Seguindo uma linha temporal que remonta à Antiguidade, podemos citar diversos pensadores que abordaram, direta ou indiretamente, a velhice. Platão (1993), em seu diálogo “A República”, apresenta o personagem Céfalo, um homem idoso que discute os prazeres e as dificuldades da velhice. Platão, conhecido pelo uso de metáforas, usa essa conversa para explorar a sabedoria que advém com a idade e como a velhice pode libertar desejos mais intensos.

Em determinado trecho, o personagem afirma:

Quero dizer-te, Sócrates, que, sempre que alguém diz que sente a falta dos prazeres da juventude e que, na sua velhice, apenas sente tristeza e nostalgia, não creio que a verdadeira causa seja a velhice, mas o caráter das pessoas. Pois, se fossem razoáveis e de bom caráter, também na velhice encontrariam a felicidade. Se não são razoáveis, tanto na velhice como na juventude encontrarão dificuldades.

Céfalo argumenta que a velhice não é necessariamente uma época de sofrimento e que a maneira como se experimenta a velhice depende mais do caráter e da disposição interior das pessoas do que da idade em si. Ele defende que aqueles que levaram uma vida justa e temperada encontram paz e satisfação na velhice, enquanto aqueles que viveram de maneira desregrada sentem dificuldades, independentemente da idade.

Em sua obra “Ética a Nicômaco”, Aristóteles (2011) discute a vida em diferentes idades, incluindo a velhice, com o objetivo de ensinar para seu filho a doutrina do justo meio, responsável por fazer o indivíduo alcançar a eudaimonia (correspondente à felicidade para Aristóteles).

Cícero escreveu um tratado intitulado “*De Senectute*”, no qual defende que a velhice pode ser um tempo de grande dignidade e propósito (ALCANTARA, 2013). Sêneca, a seu turno, acredita que a velhice pode ser um tempo de paz e reflexão (SÊNECA, 2006).

No capítulo 8 de sua obra “Sobre a brevidade da vida”, Sêneca (2006) aduz:

Não é que tenhamos pouco tempo, mas que perdemos muito. A vida é suficientemente longa, e foi generosamente concedida para a realização das maiores coisas, se toda ela é bem investida. Mas quando é desperdiçada no luxo e na negligência, quando não é empregada em qualquer boa atividade, finalmente, compelidos pela fatalidade, sentimos que passou por nós antes de termos percebido que estava a passar. Assim é: não recebemos uma vida curta, mas nós a fazemos; não somos carentes dela, mas prodigiosos.

Este trecho reflete a visão de Sêneca de que a vida, incluindo a velhice, pode ser plena e significativa se o tempo for bem aproveitado. Ele enfatiza a importância de viver de maneira consciente e direcionada, evitando o desperdício de tempo em atividades fúteis.

No que se refere à filosofia medieval, Santo Agostinho aborda indiretamente questões relacionadas ao envelhecimento e à passagem do tempo. O teólogo reflete sobre a natureza da vida e seu caráter divino, percebendo a velhice como parte da jornada espiritual do indivíduo.

Quanto aos filósofos modernos, Simone de Beauvoir é a que discutiu expressamente a velhice em seus escritos. Na obra “A Velhice”, de 1970, a autora

analisa como a velhice é estigmatizada e marginalizada. Há uma crítica à invisibilidade social e à falta de reconhecimento de suas contribuições sociais.

Na obra é possível encontrar os seguintes excertos:

É preciso assinalar aqui um fato muito significativo e sobre o qual voltarei com mais vagar: decresceu o prestígio da velhice em consequência de se achar desacreditada. No entender da sociedade tecnocrática de hoje, o saber não se acumula com os anos: torna-se, ao contrário, superado. Com a idade, vem uma desqualificação. Os valores apreciados são os que se acham ligados à juventude. (BEAUVOIR, 1993, p.236).

[...]

A tragédia da velhice representa a condenação radical de um sistema de vida mutilador: um sistema que não oferece à imensa maioria de seus componentes o menor incentivo para viverem. O trabalho e o cansaço mascaram esta ausência, mas ela se revela no momento da aposentadoria. É muito mais grave que o tédio. Ao se tornar velho, o trabalhador já não encontra lugar na Terra porque, na realidade, nunca lhe foi concedido lugar algum: ele, simplesmente, ainda não havia tido tempo de o perceber. Ao descobri-lo, mergulha numa espécie de desespero atoleimado (BEAUVOIR, 1990, p.311).

Os trechos alhures ilustram como Beauvoir reconhece a complexidade da velhice, destacando tanto o desafio quanto a potência que envolve esta etapa da vida.

Além da filosofia, as artes também abordam a velhice. Na peça Rei Lear, Shakespeare (1982) enfatiza a inevitabilidade da velhice e da mortalidade, sem prejuízo da vida prolongada ser uma oportunidade de redenção, através da experiência e da sabedoria.

Na obra, Lear é confrontado com sua própria mortalidade e impotência à medida que envelhece e perde o controle sobre sua vida e reino. A situação evoca uma visão onde o envelhecimento avança de modo implacável e inevitável. Em determinado momento, o protagonista lamenta a velhice e a perda de poder e, além disso, expressa frustração com o envelhecimento e a ingratidão:

Ó, razão! / Não, tu claudicas e eu, na velhice, / Me vou à morte!

[...]

E é esta a porcaria da ingratidão do mundo, / Que quando velhos choram e imploram, / Vêm cães à mesa, a quem outrora deram / As migalhas.

Edgar, outro personagem da obra, disfarça-se de mendigo e fala sobre a inevitabilidade do envelhecimento: O homem envelhece, cai como as ervas.

Do mesmo modo, a velhice é abordada em Otelo. Nesta tragédia, Shakespeare (2008) desvela a história de Otelo, um general mouro que casa em segredo com Desdêmona, uma jovem nobre. O casamento secreto causa ciúmes em Iago, o qual, motivado por inveja e desejo de vingança, leva Otelo a acreditar numa suposta traição de Desdêmona com Cássio, seu tenente no exército veneziano. Otelo mata Desdêmona cego pela raiva e descobre o engodo posteriormente. Otelo chega a refletir sobre sua idade e experiência, ao passo que Iago usa a informação como arma para manipulá-lo:

Ó minha alma abatida! O que eu já fui, e o que sou agora! A honra era minha paixão, e a busca da guerra a única ocupação da minha vida, a minha única alegria. (...) Mas a minha glória foi a minha própria perdição. [...] Não sou eu que sou cinzento. Otelo é que o é. (...) Pretexto, e o véu preto do mouro, suscite-lhe imaginações, bem o sabes, Iago.

O protagonista chega a sentir a pressão da idade quando lida com seus sentimentos: Por ser velho, sou vendável? De pensamentos torpes? O homem cuja vida foi sempre reta, cuja língua nunca proferiu coisa alguma, senão o que o seu coração abrigava? (...) E agora? Agora? Shakespeare utiliza a idade de Otelo como um elemento para explorar questões de poder, confiança e autoconsciência. A velhice de Otelo é um aspecto central na construção do personagem e no desenvolvimento da tragédia.

5 Bauman e o consumismo em uma sociedade líquida

Bauman (2001) conceituou a modernidade líquida captando a essência da sociedade atual, descrevendo a recente sociedade como uma metáfora, capaz de aprisionar a essência da sociedade moderna. A população (comunidade) se difere dos seus antepassados devido a sua fluidez, instabilidade e constantes mudanças, características cada vez mais evidentes nos relacionamentos modernos.

A correlação entre Bauman, a modernidade líquida e o envelhecimento no contexto neoliberal pode ser explorada mediante análise da fluidez das estruturas sociais e individuais contemporaneamente, juntamente com as transformações socioeconômicas advindas do neoliberalismo.

O autor descreve a modernidade líquida como um período caracterizado pela fragilidade das instituições e das relações sociais (BAUMAN, 2001). Nesse contexto, as

normas e identidades se tornam fluidas e sujeitas a constantes mudanças, o que pode afetar a forma como as pessoas percebem e experienciam o envelhecimento.

Além disso, sob a ótica da modernidade líquida, o envelhecimento pode ser visto como um processo que expõe indivíduos à fragmentação social. As redes de apoio tradicionais são enfraquecidas, aumentando a vulnerabilidade dos idosos à exclusão social e econômica.

Outro ponto que deve ser enfatizado diz respeito ao individualismo, autonomia e responsabilidade pessoal que são propagados pelo neoliberalismo. Tais valores podem influenciar políticas públicas e sociais relacionadas aos idosos, podendo resultar em cortes de benefícios sociais e de saúde.

Nesse ponto, Bauman também discute como o consumismo afeta as identidades, porquanto a valorização da produtividade e do consumo exacerbado pode marginalizar aqueles que não se encaixam no modelo econômico vigente, potencializando a exclusão dos idosos.

Na obra "Vida para Consumo (BAUMAN, 2008), o autor argumenta que na sociedade do consumo, indivíduos são tratados como mercadorias — valorizados apenas enquanto são "úteis" (produtivos, consumidores ativos, jovens). Idosos ou pessoas fora do ciclo produtivo são frequentemente marginalizados, pois não se encaixam na lógica do mercado.

Com isso, a velocidade e a efemeridade da modernidade líquida desvalorizam experiências e corpos que não acompanham o ritmo do consumo. Idosos, por exemplo, tornam-se "obsoletos" simbolicamente, pois não correspondem ao ideal de juventude e renovação constante.

Bauman (2008) critica a pressão para que se mantenha corpos "perfeitos" e eternamente jovens (ligados ao consumo de saúde, cosméticos, cirurgias plásticas etc.). Quem não se adapta (como idosos ou pessoas fora dos padrões) sofre exclusão — uma forma de etarismo estrutural.

Para tanto, o neoliberalismo promove a ideia de meritocracia, o qual o sucesso e o fracasso são vistos como resultado único e exclusivo do esforço individual. Tal lógica pode levar à crença de que corpos jovens são mais produtivos e capazes sob a ótica mercadológica e, conseqüentemente, contribuir para a criação de uma imagem corporal que associa a velhice à incapacitação.

Sob essa égide, há uma tendência à padronização e normatização dos corpos, especialmente nas relações de trabalho e consumo. Isso cria expectativas sobre a aparência física, habilidades motoras e até mesmo comportamentos relacionados à saúde. Corpos que divergem da regra acabam por não terem ofertas de produtos ou postos de trabalho adequados às suas potencialidades.

Desse modo, ao refletir sobre as consequências dessa mentalidade, Bauman (2005) adverte que se vivencia uma sociedade em que coisas — e pessoas — só são valorizadas enquanto cumprem uma função pragmática. Essa visão utilitarista acaba produzindo o que o autor classifica como "resíduos humanos", indivíduos considerados supérfluos e excluídos dos fluxos centrais da vida social. Tal exclusão não é acidental, mas inerente ao capitalismo globalizado.

Embora o autor trate de uma variedade de grupos atingidos por esse processo — migrantes, pobres urbanos, desempregados — o conceito pode ser ampliado para abarcar também as pessoas idosas, cujos corpos, saberes e tempos de vida contrariam a fluidez, a velocidade e o culto à juventude que estruturam a lógica neoliberal.

Assim, a velhice é não apenas biologicamente envelhecida, mas simbolicamente esvaziada de valor: o idoso é percebido como um entrave ao progresso, um peso para os sistemas de seguridade, um corpo fora de lugar. Essa percepção não se limita à esfera econômica — ela implica um descarte epistêmico, na medida em que a experiência e a memória, atributos centrais do envelhecimento, são desvalorizadas ou apagadas do espaço público.

Os idosos, por não se enquadrarem nos moldes de produtividade exigidos pelo neoliberalismo, muitas vezes são lançados a essa condição de invisibilidade, não apenas afastados de participação social e política, mas também privados do reconhecimento de seus conhecimentos e experiências, já que se tornam obsoletos.

Inobstante, o neoliberalismo promove o próprio corpo humano enquanto um produto a ser consumido. Na condição de produto, o corpo tem suas características otimizadas ao ponto de resultar em pressões para alcançar padrões estéticos específicos, muitas vezes inatingíveis.

Políticas públicas com enfoque neoliberal costumeiramente privatizam serviços sociais e de saúde. Corpos que requerem cuidados especiais sofrem com a limitação de

acesso a recursos e, como resultado, para não terem prejuízos com a completa inacessibilidade destes serviços, pagam mais caro.

Nesse diapasão, Azevedo (2018) discute como a biopolítica, segundo Foucault, refere-se ao modo como os Estados modernos gerenciam e regulam a vida dos indivíduos, não apenas nos aspectos físicos, mas também nos aspectos políticos e sociais, o que envolve políticas que regulam natalidade, saúde pública, migração, entre outros. O autor relaciona a biopolítica governamental estatal ao contexto neoliberal, que enfatiza a liberdade de mercado, a privatização e a redução da intervenção estatal na economia. Argumenta que o neoliberalismo não apenas configura a economia, mas também transforma as relações de poder e governança.

Nesse sentido, sugere que o fascismo contemporâneo não deve ser visto apenas como uma ideologia política isolada, mas como um efeito complexo de como as práticas de poder biopolítico e econômico neoliberal se entrelaçam e se manifestam na sociedade contemporânea. Isso inclui a emergência de formas de autoritarismo que exploram vulnerabilidades sociais e econômicas (AZEVEDO, 2018).

Embora não trate diretamente da marginalização de corpos de pessoas idosas, o autor se ampara em conceitos aplicáveis ao grupo, mormente podem ser discriminados ou marginalizados mediante políticas que afetem seu acesso a recursos, saúde ou participação social.

6 Epistemicídio geracional digitalizado e a perpetuação do pensamento de que o envelhecimento é algo “anormal”

Considerando os conceitos e análises trazidos anteriormente, é possível entender que, para o neoliberalismo, envelhecer é anormal devido à ênfase desmedida na produtividade, eficiência e valorização do indivíduo como um agente que movimenta riquezas. Por serem tidos como fardos, idosos não seriam capazes de gerar renda além daquela advinda do assistencialismo.

Foucault analisa como o poder opera sobre os corpos através de dispositivos biopolíticos, que regulam e controlam a vida e a saúde das pessoas (FONSECA, 2012). No contexto do envelhecimento, isso pode ser visto nas políticas públicas e práticas sociais que determinam quem é considerado útil e produtivo em uma sociedade neoliberal. É importante consignar que, em sistemas econômicos neoliberais, o

assistencialismo é abominado e, portanto, há uma frequente tentativa de sucateamento da legislação previdenciária.

Além disso, o autor discute os dispositivos de normalização que definem o que é considerado normal e anormal em uma sociedade. No neoliberalismo, isso se traduz em ideais de produtividade e consumo que excluem aqueles que não se enquadram nos padrões de saúde, juventude e eficiência. Desafia as categorias fixas e normativas ao examinar como diferentes identidades são construídas e controladas pelo poder.

No caso do envelhecimento, Foucault abriria espaço para questionar como as noções de idade e capacidade são utilizadas para marginalizar certos grupos de pessoas na sociedade neoliberal. O biopoder — conceito foucaultiano que descreve o controle estatal e corporativo sobre a vida humana, analisando o biopoder em instituições como hospitais e prisões (FOUCAULT, 2021), hoje se expande para o capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020), onde algoritmos classificam, predizem e marginalizam corpos que não se adequam aos padrões de produtividade e consumo.

A coleta massiva de informações, muitas delas sensíveis — como raça, religião, orientação sexual, saúde, filiação política e biometria (BIONI, 2021) — constitui uma forma contemporânea de biopoder, no sentido foucaultiano, permitindo que instituições e corporações moldem condutas, classifiquem corpos e legitimem exclusões.

Quando se consideram os dados pessoais sensíveis de grupos historicamente marginalizados — como pessoas idosas, negras, indígenas ou LGBTQIAPN+ —, evidencia-se a perpetuação do epistemicídio, agora em uma dimensão digital. Esses dados, quando mal interpretados e manipulados, alimentam algoritmos enviesados, reforçando estigmas, negando acessos a serviços básicos e invisibilizando existências inteiras (ABRANTES, 2023).

Nesse contexto, idosos enfrentam uma dupla exclusão: primeiro como "resíduos digitais", uma vez que seus dados são menos valorizados por plataformas e empresas, que priorizam perfis jovens e economicamente ativos; e segundo como vítimas de discriminação algorítmica, pois os sistemas de Inteligência Artificial, treinados em bases enviesadas, podem reforçar estereótipos etaristas, negando-lhes acesso a serviços financeiros, saúde digital e oportunidades de trabalho.

Bauman (2001) já alertava que, na modernidade líquida, corpos são tratados como mercadorias. Hoje, essa lógica se aprofunda com a monetização de dados biométricos (como padrões de saúde, mobilidade e consumo entre idosos). A exemplo, planos de saúde privados usam dados para elevar preços ou negar cobertura a idosos, considerados como "grupo de risco", e pela publicidade direcionada, que explora vulnerabilidades (como medicamentos anti-idade), reforçando a ideia de que envelhecer é um defeito a ser corrigido, criando um epistemicídio digital: a exclusão de idosos dos fluxos de informação, seja por barreiras tecnológicas, seja pela desvalorização de seus saberes em bancos de dados hegemônicos.

Conforme a ótica do biopoder em Foucault, esses sujeitos — por não serem normalizados, úteis, produtivos ou docilizados — representam uma ameaça, pois não se homogeneízam e diferem-se no corpo social e, por isso, devem ser combatidos por romperem com a ordem, a segurança e a harmonia social (BARROS; XAVIER, 2024).

Para Bauman (2005), em uma sociedade líquida como a contemporânea, a informação, antes instrumento de emancipação, converte-se em mercadoria. Nesse cenário, o controle de dados sensíveis torna-se instrumento de gestão da vida e da morte sociais, pois determina quem é visível, quem consome, quem pode existir com dignidade e quem será descartado.

Essa lógica também impacta a velhice. Os corpos envelhecidos, muitas vezes fora dos circuitos de consumo digital ou alvos de representações estereotipadas, são invisibilizados nos bancos de dados e negligenciados em políticas públicas que se baseiam em “evidências” e “dados”. A ausência de dados ou a coleta enviesada, por exemplo, ignorando idosos indígenas ou em áreas periféricas, contribui para o apagamento dessas populações e de seus saberes.

A gestão mercadológica da vida, por meio da coleta e análise de dados pessoais sensíveis, constitui, portanto, um novo vetor de epistemicídio. Não se trata mais apenas da destruição do saber tradicional, mas de sua invalidação algorítmica. Os corpos que não se enquadram nos padrões de eficiência, juventude e produtividade são preteridos, rotulados ou simplesmente ignorados — tanto nos discursos institucionais quanto nas bases de dados que sustentam as políticas públicas.

7 Conclusão

Butler não apenas cunhou o termo “etarismo”, mas dedicou grande parte de sua carreira a estudá-lo e combatê-lo. Em seus estudos, argumentou que o etarismo é poderoso e insidioso, uma força que desvaloriza a experiência e a sabedoria das gerações anteriores. Em seu trabalho, Butler destacou a importância de políticas públicas que protejam os direitos dos idosos e promovam seu bem-estar e integração social. Além disso, defendeu a necessidade de programas sociais, educação continuada e oportunidades de emprego para os mais velhos, bem como a ressignificação de percepções culturais acerca do envelhecimento.

A história do termo, desde sua criação até suas interpretações contemporâneas, revela a importância de reconhecer e combater o preconceito contra idosos. Compreender a história é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de inclusão e valorização de idosos em todas as esferas sociais. Ao olhar para as gerações passadas, exsurge a necessidade contínua de desafiar estereótipos e reconhecer a dignidade e o valor de indivíduos de todas as idades.

A turba social, em ânsia por um espectro perene de juventude, renega que sua cultura, seus valores e construções, são derivadas da própria velhice a que renegam. Seus clássicos literários, as construções reais e ficcionais, são escanteados para a sombra da revolução cultural, que se projeta como a única verdade – agora sem conteúdo, a aparência sobre a virtude real, e os likes como recompensa em uma sociedade que busca satisfazer primordialmente suas necessidades imediatas, sem medida de transcendência.

8 Referências

ABRANTES, Paula Cotrim de. Desafios e dilemas da proteção de dados pessoais na era da cultura algorítmica. **SciELO Preprints**, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7141>. Acesso em: 20 jul. 2025.

ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira. **O elogio da velhice no De senectute de Marco Túlio Cícero**. 2013. 122f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/22958>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2011.

AZEVEDO, Thiago Augusto Galeão de. Fascismo contemporâneo: uma análise sobre a possibilidade da existência de práticas fascistas na contemporaneidade, à luz da teoria de Michel Foucault. In: **CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI**, 27., 2018, Natal. Anais. Natal: CONPEDI, 2018. Disponível em: <http://site.conpedi.org.br/publicacoes/27ixgmd9/75j09bm5/SI6U855atgtIOs5X.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2025.

BARROS, Paulline Ribeiro; XAVIER, Elton Dias. Biopoder, Algoritmos e o controle da multiplicidade. **Revista da Aninter-Sh**, v.1, p. 45–60, 2024. Disponível Em: <https://Revistadaanintersh.Org/Index.Php/Anintersh/Article/View/35>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIONI, Bruno Ricardo. **Proteção de dados: contexto, narrativas e elementos fundantes organização**. São Paulo: B. R. Bioni Sociedade Individual de Advocacia, 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e o Direito**. Max Limonad. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

GARCIA, Maria Fernanda. **Capoeira já foi crime no Brasil, previsto no Código Penal**. Observatório do Terceiro Setor, 2020. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/capoeira-ja-foi-crime-no-brasil-previsto-no-codigo-penal/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GARIGHAN, Grégorie. **Epistemicídio e o apagamento estrutural do conhecimento africano**, 2021. Jornal da Universidade UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/epistemicidio-e-o-apagamento-estrutural-do-conhecimento-africano/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 3. ed. Brasília: Editora da UnB, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Justicia entre saberes: epistemologías del sur contra el epistemicidio**. Madrid: Ediciones Morata, 2017.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Sobre a brevidade da vida**. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Martin Claret, 2006.

SHAKESPEARE, William. **Otelo**. Tradução de Barbara Heliodora. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2008.

SHAKESPEARE, William. **Rei Lear**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1982.

SILVA, Daniel Neves. **"Etarismo"**; Brasil Escola, 2025. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/etarismo.htm>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SS Senior. **Robert Neil Butler**: o gerontologista criador do termo ageísmo, 2025. Disponível em: <https://www.sssenior.com.br/blog/robert-neil-butler-o-gerontologista-criador-do-termo-ageismo>, 2025. Acesso em: 28 jun. 2025.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Como citar:

PIAIA, Thami Covatti. OLIVEIRA, Helton Braga de. BOFF, Murilo Manzon. Interseccionalidades entre o etarismo e o consumismo: o epistemicídio geracional de uma sociedade mercadológica. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFBA – Journal of the Graduate Program in Law at UFBA**, Salvador, v. 35, p. 1-17, Jan/Dez - 2025. DOI: (endereço do DOI desse artigo).

Originais recebido em: 31/08/2025.

Texto aprovado em: 08/10/2025.